

4.5.2 A taquigrafia e a linguagem oral e escrita

Alessandra de Souza Santos

Técnica Taquígrafa do Ministério Público

Bacharela em Biologia Ênfase Microbiologia

Pós-graduada em Produção de Textos em Português

Tradutora



Alessandra de Souza Santos

A Taquigrafia é uma técnica profissional que consiste em registrar, sob forma escrita, o pensamento emitido oralmente, no exato momento e com a velocidade dessa emissão. O método emprega sinais que representam palavras ou mesmo frases inteiras e exige constante prática para o perfeito domínio da técnica. O taquígrafo é o profissional que utiliza a técnica de Taquigrafia para registrar a linguagem oral na forma escrita a mão, através de símbolos fonéticos. O estenógrafo faz o registro através de um teclado manual e digita códigos que representam fonemas. No Brasil, apesar de o Código de Processo Civil (CPC), em seus arts. 170 e 279 mencionar tanto a Taquigrafia como a Estenotipia, a primeira forma de registro é a mais utilizada e difundida, tendo sido introduzida no país por volta de 1882, por José Bonifácio de Andrada e Silva. Por séculos, a Taquigrafia foi a única forma de registro de reuniões colegiadas e assembleias e demanda grande esforço de concentração e treino constantes, pois o taquígrafo não é simplesmente um 'papagaio' que reproduz a linguagem oral. O registro é a primeira fase do trabalho do taquígrafo. Após proceder ao registro taquígráfico, o taquígrafo faz a tradução do texto, o que normalmente demanda que o profissional seja capaz de adequar o texto falado às normas padrões da linguagem culta escrita, de acordo com o objetivo final do texto.

No processo de adequação do texto, o taquígrafo tem que levar em consideração as características individuais da linguagem oral e da linguagem escrita. Para a Linguística, fala e escrita são duas práticas sociais distintas, não havendo primazia ou supremacia de uma sobre a outra. As suas diferenças não devem ser entendidas do ponto de vista estritamente dicotômico, pois nos usos cotidianos da língua, há práticas sociais mediadas, preferencialmente, pela fala e outras pela escrita. É importante ressaltar que ambas vão do nível mais informal ao mais formal, passando por gradações intermediárias de formalidade, que constituem um contínuo. Segundo Marcuschi (2001, p. 37), "as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos."

A fala tem por característica o contexto explícito, pois, normalmente, envolve a presença concomitante dos interlocutores, a expressão corporal e expressão facial. Devido a esses fatores, muitos detalhes são omitidos na fala, uma vez que o contexto presencial torna a sua enunciação desnecessária. A coesão e a coerência na linguagem oral dão-se também por recursos paralingüísticos (gestos, expressão facial e corporal) e supra-segmentais (tom de voz, entonação, pausas). Além desses, repetições, hesitações e reformulações são fatores constantes na fala e são denominados marcadores conversacionais. Segundo Marcuschi (apud URBANO, 2000, p. 282):

Esses elementos, típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discurso-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. São, na realidade, elementos que

ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto, como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal-cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal.

Muitas vezes esses elementos são sintaticamente independentes, podendo aparecer em várias posições na frase. Além disso, não podem ser simplesmente descartados pois são modalizadores e sinalizam intenções dos interlocutores. Além dessas características, há o planejamento temático, que envolve a escolha de tópico para que a conversa se desenvolva. Entretanto, a maior parte do planejamento dá-se durante a conversação, e, como essa interação é simultânea, caracterizando-se pela alternância de turnos entre os interlocutores, há a presença constante desses marcadores conversacionais, já mencionados acima - repetições, hesitações, interrupções e correções - que expõem as reformulações executadas pelos interlocutores. Há sinais produzidos pelos falantes que servem para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento etc. Há também sinais produzidos pelo ouvinte durante o turno do interlocutor (e geralmente em sobreposição ao discurso do falante), que servem para orientar o falante e monitorá-lo quanto à recepção. É interessante ressaltar que mesmo o falante culto produz essas hesitações, repetições, pausas etc. A fala culta não é isenta das características da oralidade.

Segundo Santos (2004, p. 14), as marcas da oralidade são descritas mais detalhadamente a seguir:

A) Digressão: a digressão é a substituição de um domínio tópico-discursivo, ou seja, o assunto, por outro domínio diferente, suspendendo momentaneamente aquele domínio inicial e dando destaque e enfoque ao novo domínio, isto é, há uma mudança brusca no tópico do assunto.

B) Hesitações: segundo Marcuschi (1999, p. 27), as hesitações geralmente servem como momentos de organização e planejamento do turno, dando tempo ao falante de se preparar. São muitas as formas de se manifestarem, mas geralmente são reduplicações de artigos, de conjunções, ou mesmo de sons não lexicalizados, como "ah ah ah" ou "ah:: eh::" e outros.

C) Redundâncias: são repetições que podem ocorrer por exemplo, em decorrência de esquecimento do que iria ser falado a seguir, com o objetivo de dar-se tempo ao falante para o planejamento do turno.

D) Parênteses: é a substituição de um domínio tópico-discursivo, ou seja, o assunto principal, por um assunto secundário, mas relacionado ao principal, com o objetivo de explicar o assunto principal mais detalhadamente.

E) Paráfrase: é a reformulação de uma frase ou palavra pelo interlocutor, com o objetivo de reiniciar a sentença de forma mais adequada.

F) Marcadores Modalizadores: esses marcadores conversacionais denotam a intenção do interlocutor. Há marcadores que testam a atenção do ouvinte (Certo? Sabe? Não é?), marcadores que atenuam a atitude do falante (eu acho, eu tenho a impressão), marcadores de apoio ao ouvinte (ahn ahn), sinais de tomada de turno (Olhe. Certo, mas...), sinais de saída do turno (O que você acha?), marcadores de discordância (mhm, ahã), sinais de distanciamento (uso da 3ª pessoa) etc.

G) Sequência Pergunta-Resposta: segundo Marcuschi (1999, p. 37), uma das seqüências conversacionais mais comuns é aquela representada pelo par pergunta-resposta (P-R). A pergunta pode ser na forma interrogativa direta, muito comum, ou na indireta.

H) Edição: segundo Marcuschi (1999, p. 29) reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos são denominados mecanismos de correção e funcionam como processo de edição ou auto-edição conversacional, contribuindo para organizar a conversação localmente.

Quanto à escrita, Marcuschi (2001) assevera que não pode ser tida como representação da fala, pois ela é utilizada em situações distintas, convencionadas socialmente. Além disso, a escrita não consegue reproduzir características da oralidade, tais como as características prosódicas (tom de voz, entonação) ou gestuais. A escrita possui uma maneira própria de suprir esses aspectos, grosso modo, através de pontuação e metalingüisticamente, com expressões que verbalizam um dado contexto. A coesão na escrita é estabelecida através de estruturas lexicais e de estruturas sintáticas que utilizam conectivos

explícitos. Além disso, a escrita não é uma representação fonêmica nem fonética. Quanto à edição e planejamento, é certo que o processo da escrita também passa por diversas fases. O escritor pode rever, selecionar e editar suas escolhas tanto no nível temático quanto no lingüístico-discursivo. O escritor tem tempo para eliminar as marcas de repetições e redundâncias, apresentando somente o produto final de suas escolhas. Em relação ao discurso, a escrita produz o efeito de ser realizada individualmente pelo escritor, entretanto a Teoria da Enunciação postula que textos escritos resultam de uma relação dialógica, não concomitante, entre escritor, texto e leitor, isto é, o sentido não está no texto em si, nem no escritor ou no leitor. O sentido é ativamente construído pela interação dos três elementos.

A Taquigrafia, portanto, é um processo de escrita rápida que envolve o registro e, posteriormente, complexos procedimentos de adequação do texto ou retextualização, que é a passagem de um texto de um gênero para outro ou a passagem da modalidade oral para a modalidade escrita, fazendo-se alterações para atualizar a linguagem de forma a adequar o texto a essa nova realidade socialmente estabelecida. Essas alterações implicam mudanças sensíveis, como, por exemplo, o uso de metalinguagem na linguagem escrita para substituir hesitações e paráfrases da linguagem oral. Essas operações envolvem a idealização, isto é, operações que envolvem a eliminação e regularização de fenômenos de descontinuidade sintática na formulação textual, tais como hesitações, correções, marcadores conversacionais, repetições e truncamentos. Segundo Santos (2004, p. 41), “[...] é necessário que o taquígrafo seja um conhecedor de diferentes gêneros textuais para proceder a retextualizações bem feitas. É primordial que o profissional conheça as características do funcionamento da fala e da escrita, bem como seus usos sociais

Referências Bibliográficas

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e Escrita*. Conferência de Abertura no II Encontro Franco-Brasileiro de Ensino de Língua, Natal, 1995.

_____. *Análise da Conversação*. São Paulo, 5ª edição, Ed. Ática, 1999.

_____. *Da Fala Para a Escrita: Atividades de Retextualização*. São Paulo, Ed. Cortez, 2001.

SANTOS, Alessandra de Souza. *Novas tendências da taquigrafia: o uso de taquígrafos na Procuradoria-Geral de Justiça*. Monografia (Especialização) - UNI-BH, Belo Horizonte, 2004.